



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
(ESEFFEGO)
EDUCAÇÃO FÍSICA

GISELLE ROSA RIBEIRO

Percepção Corporal de Dagognet na Educação Física

GOIÂNIA

2022

GISELLE ROSA RIBEIRO

Percepção Corporal de Dagognet na Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de monografia, como requisito parcial para integralização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob a orientação do(a) Professor(a): Me. Nélio Borges Peres.

GOIÂNIA

2022



Ata de Correção de Trabalho de Conclusão de Curso 2

Goânia, 07 de fevereiro de 2023.

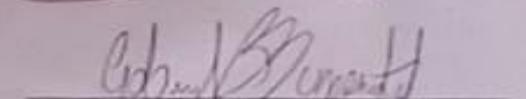
O trabalho nomeado **PERCEPÇÃO CORPORAL DE DAGOGNET PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA**, de autoria do(a) discente **GISELLE ROSA RIBEIRO** foi considerado Apto Inapto (), pela banca de correção abaixo nomeada, a qual atribui nota 10,0.

Banca de Correção Formada pelos Professores

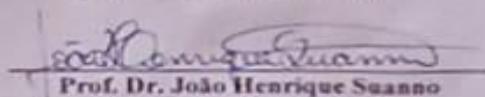
NOTA


Prof. Me. Nélio Borges Peres
(Professor Orientador)

10,0


Prof. Me. Dr. Gabriel Caryalho Bungenstab
(Professor Parecerista 1)

10,0


Prof. Dr. João Henrique Suanno
(Professor Parecerista 2)

10,0

NOTA FINAL
(somar as notas e dividir por 3)

10,0

AGRADECIMENTOS

Pela oportunidade de iniciar e finalizar a graduação em Licenciatura em Educação Física, agradeço aos meus pais, Gilney Ferreira e Alessandra Ribeiro, pelo apoio tanto moral, quanto financeiro, ao total incentivo para a continuidade e valorização da minha formação acadêmica. Agradeço ao meu irmão, Alexandre Ribeiro, por ser uma referência em quem me espelho em muitos aspectos. Agradeço ao meu namorado, Gabriel Carias, pela paciência e incentivo durante toda graduação. Agradeço a professora do curso de História da UEG, Dailza Fagundes, pela orientação e incentivo antes e durante a graduação, que me permitiu ingressar ao curso. Agradeço ao professor Nélio Borges Peres por me orientar do primeiro ao último período da graduação, além do incentivo a continuidade do curso e das pesquisas, me proporcionando novos olhares transformadores de quem somos. Agradeço a professora Jéssica de Moura, o professor Rodrigo Gondim e professora Elza pelo incentivo e orientação em determinadas etapas muito importantes na graduação. Agradeço a professora Eliene Macedo por fazer parte de uma etapa importantíssima aos meus conhecimentos pedagógicos da Educação Física e por todos os incentivos e orientações. Gratidão a todos que fizeram parte desse processo, que não me permitiram desistir, que me deram forças, novos olhares e oportunidades, é um privilégio as devidas presenças e incentivos. Cada atenção, cada etapa e apoio permitiu a conclusão desta Tese e da graduação. Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho apresentamos François Dagognet e sua obra “O Corpo” (2012), na qual, traz concepções de corpo que influenciaram diretamente no modo de viver do ser humano, o autor afirmará que a partir da percepção de um corpo excluído e apagado pela sociedade, é possível questionar a existência e o uso dos metacorpos no ocidente. Em busca de realizarmos um diálogo entre a Educação Física brasileira e os metacorpos, apresentamos como a educação física compreende o corpo como seu objeto de estudo, investigando a existência de uma dualidade na área e na compreensão de corpo. Através de uma pesquisa bibliográfica de análise quanti-qualitativa, verificamos que François Dagognet e sua percepção corporal é ausente na Educação Física brasileira no período de 2017 a 2022. Apresentamos, portanto, sua obra como referência necessária para a Educação Física.

Palavras-chave: corpo biofilosófico; metacorpo; educação física.

ABSTRACT

In this work we present François Dagognet and his work “The Body” (2012), in which, it brings body conceptions that directly influenced the way of life of the human being, the author will affirm that from the perception of a body excluded and erased by society, it is possible to question the existence and use of metabodies in the West. Seeking to carry out a dialogue between Brazilian Physical Education and metabodies, we present how physical education understands the body as its object of study, investigating the existence of a duality in the area and understanding of the body. Through a bibliographical research of quantitative and qualitative analysis, we found that François Dagognet and his body perception is absent in Brazilian Physical Education in the period from 2017 to 2022. We present, therefore, his work as a necessary reference for Physical Education.

Keywords: biophilosophical body; metobody; physical education.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 PERCEPÇÃO CORPORAL DE DAGOGNET..... | 9 |
| 1.1 FRANÇOIS DAGOGNET..... | 9 |
| 1.2 O CORPO EM DAGOGNET | 10 |
| 1.3 OS METACORPOS NA SOCIEDADE | 16 |
| 2 O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA | 22 |
| 3 DAGOGNET NA EDUCAÇÃO FÍSICA | 26 |
| 3.1 COLETA DE DADOS..... | 26 |
| 3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 34 |

INTRODUÇÃO

François Dagognet, um filósofo francês do século XX, apresenta em sua obra “O Corpo” (2012) concepções de corpo pensadas por filósofos da Antiguidade que foram grandes influências para diversos cientistas, fisiologistas, antropólogos e sociólogos, que por sua vez foram referências importantes para o avanço médico e científico da sociedade ocidental. Na obra o autor afirma haver uma cultura ocidental que entende os corpos como instrumentos ou máquinas que podem ser abertas, são compostas por pequenas peças que o mantêm funcionando e que pode ser “aperfeiçoado” e utilizado de diversas maneiras. Para se compreender a história das ideias que rodearam o corpo, partimos de considerar primeiramente o que é o corpo humano e vivido, e como coloca Dagognet (2012), “o corpo e a sociedade se determinam mutuamente.”, logo podemos refletir a concepção de corpo partindo do que, quando e como a sociedade o determinou.

O debate sobre o corpo tem percorrido por inúmeras vezes na área da Educação Física, seja para investigar o movimento, a sociedade e/ou a história. Junto a isso, podemos dizer que o debate sobre o corpo pode nos levar a uma discussão maior da vida humana, pois, depende de como a sociedade compreende o corpo para que possa ser definido o modo de viver. Baptista (2019) traz em sua produção a busca de quais fatores são responsáveis pela alteração biológica e, quais são as relações entre esses fatores e as relações sociais. A partir disso, é desmembrada uma discussão sobre corpo e natureza, segundo Baptista (2019), a natureza pode ser entendida como orgânica e inorgânica: o orgânico é a matéria, ou seja, o corpo; o inorgânico é o inteligível, o pensamento. Tanto o corpo quanto o inteligível é necessário para a construção do Homem e do modo de viver, o orgânico e o inorgânico são transformados mutuamente, um exemplo disso é o trabalho, a produção de vida material, que, segundo o autor pode transformar o corpo em mercadoria. Observando a ideia de que o corpo é parte da natureza, e que o modo de se compreendê-lo e vivê-lo se dá através da transformação dessa natureza, é possível apontar como Dagognet (2012) pode nos trazer contribuições para o entendimento do uso do corpo na sociedade, posteriormente, na Educação Física.

O questionamento que Dagognet (2012) traz é o quanto a sociedade deseja tornar este corpo útil e mais capaz que sua natureza humana. Em um corpo podemos identificar a presença de seus limites físicos e cognitivos, seja por faixa etária, por seu desenvolvimento, por alguma deficiência, ou mesmo pela exploração de suas capacidades. Em uma sociedade na qual o corpo deve ser capaz e sempre útil para tudo e todos, cria-se, então, as próteses, os medicamentos, produtos estéticos, cirurgias plásticas, instrumentos para aperfeiçoá-lo e diversos outros meios

que buscam elevar as capacidades corporais para além da natureza humana e evitar a realidade corpórea. Com isto, Dagognet (2012) percebe a presença dos metacorpos na sociedade, que são adaptações construídas no e para o corpo, objetivando a elevação de suas capacidades, o tornando mais útil.

Os metacorpos surgem a partir de uma dualidade, como afirmada por Dagognet (2012), mas que também pode ser identificada na Educação Física ao investigarmos a noção de corpo como objeto de estudo da área, o que implica não apenas no objeto, mas também nos problemas epistemológicos da área. Buscamos, portanto, a construção de um debate sobre o uso dos corpos na sociedade, tendo como ponto de partida referencial o autor François Dagognet (2012). Logo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, na qual verificamos e analisamos em uma abordagem quanti-qualitativa como aparece Dagognet e os metacorpos na Educação Física brasileira, a partir das produções bibliográficas da área no período de 2017-2022. E assim, analisamos os resultados e a importância de Dagognet (2012) e a compreensão de um corpo biofilosófico para a área.

1 PERCEÇÃO CORPORAL DE DAGOGNET

1.1 FRANÇOIS DAGOGNET

François Dagognet, inventor do conceito de “agrobiologia”, nasceu na cidade de Langres na França no ano de 1924, formou-se em medicina em Estrasburgo. No ano de 1949, depois de ter sido aluno de George Canguilhem, agregou em sua formação a Filosofia, e em 1958 se tornou doutor em Psiquiatria. Exerceu como professor de Filosofia na Universidade Lion III e na Universidade Sorbonne na França, e se tornou diretor do Instituto de História da Ciência e Tecnologia, assim como Bachelard e Canguilhem (BRITTO, 2010). O autor faleceu no ano de 2015 na cidade Avallon na França.

De acordo com Britto (2010), Dagognet construiu uma importante crítica à tradição filosófica, onde a sua preocupação era resgatar aspectos desprezados pelos filósofos: a forma, o sensível e o corpo. Em algumas de suas obras o autor busca trazer uma análise epistemológica dos estudos científicos, tendo uma grande influência, conseqüentemente para os estudos da medicina, para Dagognet “não há ciência que não se beneficie da iconicidade: a Física, a Cinemática, a Química, a Geologia ou, mesmo a Fisiologia.” (BRITTO, 2010, p.37).

Dagognet é considerado continuador da epistemologia de Gaston Bachelard, no qual propõe uma filosofia não cartesiana que “permitiu fazer a descrição do funcionamento das ciências contemporâneas e repensar os procedimentos que a objetividade científica exige.” (BENTO, 2010, p. 132). De acordo com a autor Bento (2010), ao trazer questões científicas, Bachelard utiliza da imaginação material, mergulhando no que está para lá do visível. O filósofo foi grande influência para Michel Foucault, assim como para George Canguilhem e François Dagognet:

A epistemologia francesa, herdeira de Bachelard e de Canguilhem, deu origem a duas obras antagônicas. Elas têm uma mesma fonte, mas oferecem dois recursos para se pensar a modernidade: de um lado a obra internacionalmente conhecida de Michel Foucault e, de outro, a menos conhecida de François Dagognet (BRITTO, 2010, p.10).

De acordo com a autora, Dagognet afirma em uma entrevista que sempre se propôs a trabalhar com reflexões a partir de pensadores da atualidade, como Bachelard e Canguilhem, porém, sem apenas repetir suas ideias, e sim buscando uma interpretação e visão própria dos conhecimentos, pois, segundo Dagognet, este é o papel de um filósofo.

Além de produzir diversos vídeos filosóficos, François Dagognet escreveu obras como: *Filosofia biológica* (1954), *A razão dos remédios* (1964), *Sobre as revoluções verdes: história*

e princípios da agronomia (1998), *Por uma teoria geral das formas* (2002), *Uma epistemologia do espaço concreto: neo-geografia* (1977), *Filosofia da imagem* (1986), *As metáforas do corpo* (2004) e *O corpo* (2012).

Em sua obra “O Corpo” (2012), em qual utilizaremos neste trabalho, é informado também que o autor estudou a geografia, a classificação botânica, a obra de Pasteur, a informática, a agronomia e a arte contemporânea. Portanto, compreendendo que o Filósofo realiza uma linha de pesquisa na vertente da biologia e medicina trazendo contribuições de seus outros estudos científicos, apresentaremos a compreensão de corpo que traz François Dagognet.

1.2 O CORPO EM DAGOGNET

Ao estudarmos o corpo humano supomos que é necessário considerar o corpo vivo, logo teremos diversas formas de interpretá-lo e compreendê-lo como mistura de corpos de um ser humano que vive, que viveu ou deverá viver de alguma forma em algum lugar. Na obra “O Corpo”, Dagognet (2012) organiza e apresenta ideias e interpretações de filósofos, antropólogos, fisiologista e autores que levam a buscar, na compreensão da sociedade em que vivemos e os podemos ler, os sentidos do corpo na Educação Física. Para isso é realizado na obra, seis capítulos que utilizam entre suas 166 páginas, citações, exemplos, interpretações e figuras que ajudam a ilustrar partes dos assuntos abordados.

Nessa obra busca-se uma apresentação biofilosófica a respeito do que é corpo, onde o será resgatada a imagem de um corpo vivido, social e objetivo ou mesmo “o *“corpo em si”*”, o *“corpo para si próprio”*”, o *“corpo para o outro”*.” (DAGOGNET, 2012, p.4), buscando trazer a sua percepção de uma filosofia que ignorou e excluiu o corpo, ao mesmo tempo que o teve como centro. O autor parte do tempo presente, onde os metacorpos aparecem como "novidades" e polêmicas a serem conhecidas, para ouvir as vozes de autores clássicos que informam a cultura ocidental. O autor inicialmente traz as primeiras teorias do corpo pensadas por filósofos da antiguidade: Platão (428 a.C. - 348a.C.), Aristóteles (384a.C. - 322a.C.) e Lucrecio (99a.C. - 55a.C.). Considerando o tempo de vida de cada filósofo citado, assim como Dagognet (2012) também coloca, percebemos que estas teorias são pensadas em momentos diferentes na Idade Média, o que nos permite analisar a influência de cada filósofo um para o outro até a modernidade, por exemplo, Platão que, de acordo com o autor, traz uma teoria do corpo partindo de uma visão dualista, que para além do corpo está presente na vida e no cotidiano atual.

Ao abordar o corpo, os filósofos antigos não deixam de considerar a consciência ou alma, como partes daquilo que chamamos de natureza inorgânica. As ideias de Platão, tal como apresentadas por Dagognet (2012), mostram o corpo como produto de uma visão dualista, que influenciou os estudos da Teologia. Platão desenvolveu uma filosofia onde o corpo seria interpretado como inimigo a ser combatido e desvalorizado, pois é o orgânico que tem sentimentos, prazeres, sensações, e é totalmente indomável por seus desejos. Para que o corpo não caia nessa perspectiva que o considera fonte de perdição, ele necessita da alma. Mas aí, durante a relação dualista corpo e alma, o corpo poderia escravizá-la, para que não o deixe se perder em seus prazeres, e sim, o ajude a pensar e utilizar o conhecimento, para alcançar o verdadeiro saber e, poder sair de suas ilusões. Segundo Dagognet, Platão considerava isso ser uma tarefa difícil para a alma, quase impossível, e com isso justificaria a separação entre a alma e o corpo. É preciso “aprender a morrer”, excluir tudo que é inorgânico, pois, só assim o homem poderia estar totalmente livre para pensar, e ter uma alma pura, sem um corpo para degradá-la, ou interrompê-la:

Platão enaltece, pois, *“aquele que afasta do sensível, que se priva, tanto dos olhos, quanto dos ouvidos para alcançar o verdadeiro”* (tema conhecido: filosofar ou pensar consiste em aprender a morrer, isto é, separar-se do envoltório corporal que nos perturba e nos perde) (DAGOGNET, 2012, p.10).

Seria impossível excluir o corpo sem excluir a alma, e Platão teria percebido a necessidade de exercitar a alma para que não fique enfraquecida e possa moldar o corpo, regrá-lo, para que não venha “arruinar” a alma. E isso deve se dar de forma contínua e equilibrada, exercitando o orgânico e o inorgânico juntamente.

A teoria de Platão tem influência dentro da teologia, inclusive Costa (2014), afirma isso ao apresentar as ideias de Santo Agostinho, que é um Teólogo que tem grande influência no desenvolvimento do Cristianismo e pode ser considerado um continuador de Platão durante a Idade Média. Pensando com ideias imputadas a Platão, o platonismo sugere a necessidade das regras e dos limites nas relações entre indivíduos no plano do cotidiano, nos afazeres, que podem ser explicados pela ideia de excluir o corpo, ou pelo menos excluir os desejos das funções da mente.

Por outro lado, Aristóteles, de acordo com Dagognet (2012), tem uma linha de raciocínio lógico, no qual acredita no que se vê (a realidade é o que aparece), inclusive, o filósofo chegou a citar experimentos, porém ainda permanece em uma ideia também de observar o orgânico e o inorgânico através da aparência, e não somente com experimentos. Diferente de Platão,

Aristóteles considera o psicofisiológico, a união entre o orgânico e o inorgânico, logo afirma que somente com essa união que se existe o ser humano, e que o corpo e a alma podem ser compreendidos separadamente assim como dois opostos que se atraem, mas não funcionam separados, e servem um para o outro, trabalhando em conjunto tornando-se uma constante harmonia ao funcionar (DAGOGNET, 2012). Podemos analisar isso por exemplo na comunicação, o ato de falar, a voz e o timbre, vem do nosso corpo, do orgânico, mas o que falamos, para o que falamos, a necessidade de se comunicar, através da fala, é uma ação do inorgânico, logo para que possamos realizar uma ação humana como a comunicação, necessitamos então dessa harmonia entre a função do orgânico com o inorgânico. Com isso, Aristóteles percebe que o orgânico e o inorgânico tem funções diferentes, além disso, também tem estruturas e organizações diferentes, de forma que não se tornem uma desorganização, para que tenha a possibilidade desse conjunto e dessa harmonia em que um sempre envolve o outro. A partir de Aristóteles talvez seja possível aprofundar na ideia de equilíbrio, assim como Platão coloca a necessidade de exercitar a alma junto com o corpo, Aristóteles não nos leva a pensar muito diferente, porém, nos leva a perceber as necessidades dos sentidos do corpo.

Se diferenciando das teorias já abordadas, o filósofo Lucrecio apresenta a concepção de corpo com um ideal materialista, no qual não deixa de considerar o psicológico, mas entende que “tudo é apenas corpo”, logo considera que tudo é orgânico, até mesmo o que antes considerados por Platão e Aristóteles como inorgânico, passa então a ser orgânico. Logo, as ações existentes no corpo, seriam explicadas pela própria física do corpo, como por exemplo, o ato de comer, pode ser algo prazeroso, mas não deixa de ser uma necessidade fisiológica a partir do momento que nosso corpo necessita de nutrientes para que os órgãos continuem funcionando, o corpo reage com desejos, reage no psicológico e nos órgãos, para que aqueles nutrientes sejam repostos imediatamente. Dessa forma o corpo assume todas as funções, até mesmo a de pensar, logo a alma sem suas funções deixaria de existir. Porém, de acordo com Dagognet (2012), o corpo ainda será visto como um invólucro, que abriga e recebe qualquer conteúdo externo que pode o modificar, e a alma ainda sendo como um animus é considerada por Lucrecio como inorgânica, é um efeito externo ao corpo. Com isso a alma é vista como um sentido externo que dará um efeito ao corpo, mas este efeito não pode ser observado assim como as medidas do corpo, mas poderá ser sentido por todo o corpo, como se tivesse espalhado por todo o seu organismo. Ao experienciar elementos externos, como a alma, o corpo terá uma reação/ efeito a favor dele e para ele, este será animado pelas sensações, nas quais nos levam à várias percepções ao nosso redor, utilizando de nossos sentidos corporais, que são vistos como forma de alertar e comunicar ao corpo sobre os seus riscos, sobre o que não nos deveria ser

considerado normais por nosso corpo em determinado ambiente, até mesmo as vibrações, serão sentidas. Portanto, partindo de Lucrécio, o corpo trabalha a favor de si mesmo.

Dagognet (2012) coloca o corpo como o centro, percebendo também a ideia de um corpo útil. A partir da visão apresentada dos filósofos da antiguidade, podemos considerar que um corpo útil é aquele capaz de raciocinar, não desfocar sua atenção, ser produtivo, dedicado e disciplinado. Com os questionamentos realizados pelos filósofos, o corpo útil está em um dualismo para se realizar, dualismo esse que é visto primeiramente nas ideias de Platão, no qual traz o conflito entre corpo e alma, o orgânico e o inorgânico. Lembremos que na Idade Média era de grande importância os símbolos, pois é a forma como os corpos aparecem representando os valores da Antiguidade, Dagognet (2012) irá apresentar o que Platão chamava de Tripartição Biomórfica, no qual definem algumas representações do corpo:

O corpo paradigmático resulta, de fato, da superposição de três esferas de volumes desiguais (*decrecendo de baixo para cima*) e solidamente escalonados: primeiro, a parte inferior, o abdome ou ventre (*área da digestão e da reprodução*); em seguida, o tórax ou o peito (*que aloja o coração e, portanto, as paixões ou a emotividade*) e, por fim, a cabeça (*o centro da reflexão e das decisões*) (DAGOGNET, 2012, p.15).

Dagognet (2012) nos mostra as ideias de Descartes (1596-1650), imaginando que este tenha como ponto de partida as repartições, assim como Platão, pois ao criar o pensamento cartesiano teria se pensado nas formas e repartições de uma máquina. Observando o relógio pôde perceber o que compunha esta máquina, que era justamente as partes, as peças, cada uma com sua função, onde cada uma necessitava da outra para funcionar, um pensamento que se assimila com o de Aristóteles ao pensar o corpo, logo Descartes pensaria o corpo-máquina, composto por diversas repartições e peças necessárias umas para as outras, para o manter funcionando:

Descartes expõe, aí, o ponto de vista de um “corpo subjetivo”, inseparável do eu, superposto ao “corpo objetivo” que depende de outra perspectiva (é, essencialmente, a do “corpo de outrem” visto de fora e tal como o entendimento pode concebê-lo ou, ainda, a da ciência anatômica, então em pleno desenvolvimento graças a Fabrício de Aquapendente, Vesálio, Bauhin, Falópio etc.) (DAGOGNET, 2012, p. 47).

Abrindo o caminho para a “pluralidade dos corpos” outros filósofos e sociólogos começam a pensar o corpo a partir do corpo-máquina e suas repartições, mas trazendo novas interpretações. Dagognet irá fazer com que esses filósofos dialoguem em sua obra, passando por Malebranche (1638-1715) e o corpo como envelope (o corpo que sempre terá algo a revelar, pois, em suas pequenas partes há uma imensidão), Diderot (1713-1784) e o corpo como cavalo-

de-troia (um corpo que em seu interior tem outros corpos que o movimenta e o faz ter sensações) e Bordeu (1722-1776) e o corpo como colmeia-de-abelha (o corpo que apresenta em suas menores partes ações específicas e que se completam). Essas teorias do corpo rodearam a ideia do corpo vivo composto por diversos outros corpos, elementos e partes a serem descobertas, o que posteriormente contribuiu para os estudos na área da anatomia, fisiologia e biologia. Os fisiologistas Spallanzani (1729-1799), Haller (1708-1777) e o cientista Réaumur (1683-1757) juntamente com Bordeu, desenvolvem esses estudos conseguindo ampliar a compreensão das partes que compõem o corpo vivo, os órgãos, os músculos, as fibras, os nervos, trazendo uma grande contribuição para a medicina.

Dagognet (2012) irá concordar que os médicos antigos compreendiam o corpo como físico e social, o que acaba se desconectando da ideia central do corpo-máquina de Descartes. Observando os estudos dos cientistas, o autor afirma ser impossível separar o corpo da sociedade onde se vive, e completa: “É mais difícil atingir o corpo do que imaginamos. Antecedentes culturais continuam pesando sobre nossas representações.” (DAGOGNET, 2012, p. 63). Bichat (1771-1802), um fisiologista, realiza alguns estudos no corpo a partir de um método já utilizado por Platão e Aristóteles, que é o “exame externo”, pela forma e aparência que os deram a possibilidade de observar as partes do corpo e o como ele se relaciona com seu exterior, levando então o fisiologista a entender a conexão do corpo com seu exterior a partir da visão, audição e olfato, podendo o corpo receber esses estímulos e responder a partir deles também, através dos modos em que comemos, respiramos, falamos e andamos. Segundo o autor, muitos filósofos valorizam a ideia do “corpo objetivo”, que usando Bichat, o autor explica ser o corpo vivenciado para si, que além de se adaptar ao meio ambiente, faz com que o meio se adapte a ele, como os enxertos (transplantes de órgãos) e próteses. Compreendendo o conceito de corpo objetivo, o autor afirma também a possibilidade da existência de multicorpos objetivos presentes no ser humano.

O corpo objetivo, ainda que não ignoremos seus limites, (ele é apenas o corpo visto, e visto pelo olhar de outrem, mantido a distância, relegado a uma pura exterioridade que o nega), não merece nem a negação nem o descrédito (DAGOGNET, 2012, p. 95).

O corpo está em grande conexão com o seu externo, de acordo com o que Dagognet (2012) colocou até o momento, no quarto capítulo de seu livro será apresentado o corpo libidinal. Ao citar Freud (1856-1939), Dagognet relembra a teoria psicanalítica na qual mostra a forma como o ser humano evoluiu considerando seu consciente e seu inconsciente. “A qualidade de ser consciente está ligada, desde o início, as percepções, tanto as do mundo

exterior (*exógenas*) como as do interior do corpo, as sensações e sentimentos (*endógenas*).” (PINTO, 1987, p. 9). Dagognet (2012) aponta que Freud pensa que o corpo tem sentimentos sobre suas experiências e vivências com o exterior, no qual os sentimentos são acidentais, trazendo também atos acidentais. Um exemplo dado na obra é o “roer as unhas”, é um ato que está expressando o sentimento de uma pessoa diante uma determinada situação que ela está vivendo. Assim o autor vai perceber que o corpo se expressa a partir do seu contato com o exterior. Esse entendimento possibilita compreender o que Nietzsche (1844-1900) dirá sobre os “corpos mudos falarem”, o que se dá através da expressão corporal, as expressões podem acontecer pelos gestos e linguagens. O autor aponta que Hegel (1770-1831) pensará a “tradução corporal”, que significa traduzir o que o corpo sente através das expressões e linguagens. Logo, o corpo está conectado com o seu exterior, de forma que responde os estímulos recebidos por eles, possibilitando assim, uma comunicação de forma não verbal. Com isso, Dagognet pensará a existência de um “expresso velado”, aquele que oculta e exhibe ao mesmo tempo. Não muito diferente, Williams (2018), afirma que mantemos a aparência devido a uma pressão social, mas que é falha, o que nos leva a frequentar espaços onde podemos nos expressar, como teatros. Expressamos nossos sentimentos através das linguagens e ao mesmo tempo o ocultamos, em nossa cultura ocidental velamos as formas de se expressar, pois, algumas expressões são consideradas nojentas ou impróprias. Quando a expressão corporal é velada o corpo se afasta dele mesmo, logo, o expresso velado é uma forma de excluir parte do corpo humano e vivo.

O autor aponta que a história cultural nasceu do combate que o cristianismo teve ao corpo, um combate pela carne, pela fonte de pecado, e pela perversidade. Assim o “excluir o corpo” se encontra presente na cultura. Williams afirma que “não há como escapar. Isto levou o autor a perceber com Marcuse (1898 – 1979) a forma como o expresso velado está presente no inconsciente: “As vítimas do corpo excluído, trabalham elas mesmas para o seu esmagamento.” (DAGOGNET, 2012, p.124). Dagognet (2012), dirá que não só o libidinal, mas também o cultural e o social envolve o corpo, reflete no eu, e nas próprias representações, o olhar para si é olhar para a sociedade e para a cultura. O corpo visto pelo outro influencia no vivido, ou seja, não podemos deixar de considerar as culturas, os locais, e a história. De acordo com a história, o corpo veio ampliando suas capacidades, passando do homem ferramenta, para o homem máquina, para o homem tecnologia, Dagognet se pergunta se as “tecnologias de apertar o botão” substituem ou eliminam as práticas corporais, ou se o ato de apertar o botão se torna uma prática corporal. Para responder essa pergunta, o autor cita o “corpo argila”, pensado por Marcel Mauss (1872-1950), um corpo possível de ser moldado através das técnicas corporais, que são os gestos, as formas de dormir, correr, andar, lutar, agachar etc. Portanto, o

recurso técnico do homem é o seu próprio corpo, que se encontra em uma sociedade que o modela com suas finalidades, impondo-o normas de como agir, lhe dando ferramentas para que ele se ajuste, lhe cobrindo de signos, lhe reduzindo, o tratando e o disciplinando: “Todo corpo tende a se espalhar; as regras de boa educação o obrigam a se conter.” (DAGOGNET, 2012, p. 150).

Por fim o autor escreve um último capítulo com a sua conclusão. Após considerar a influência das primeiras teorias do corpo determinadas por filósofos da Antiguidade, a influência do cristianismo na cultura ocidental, a ciência e a educação, as culturas e a sociedade, a fisiologia e a psicologia, Dagognet diz que a cultura diminui o corpo, para que ele seja moldado. De acordo com o autor, quando o corpo é diminuído se abre, portanto, um espaço para os metacorpos, um corpo dos recordes, das superações, um corpo sem limites, o corpo do esporte, da ciência, da cultura que sonha em o ultrapassá-lo e aumentá-lo. Um bom exemplo dado dos metacorpos, são as próteses, os enxertos, e as superação do sensitivo-motor para que possa tornar o corpo útil e o manter funcionando e prestativo. O autor aponta que há um controle e uma quase exclusão do corpo, um corpo que se tornou totalmente controlável pelo inteligível, em que o homem cria a máquina ou o instrumento que o substituirá e ultrapassará as capacidades limitadas do corpo, levando a exclusão dele próprio. “No total, glorificamos o corpo múltiplo, mas desejamos limitar-lhe, também, as prerrogativas (ao contrário de uma indústria do sonho e dos fantasmas).” (DAGOGNET, 2012, p.166).

1.3 OS METACORPOS NA SOCIEDADE

Para compreendermos como os valores da Antiguidade se permaneceram em nossa cultura ocidental, Dagognet (2012) afirmará sobre a continuidade que o cristianismo deu para as concepções de corpo que trazia Platão. Essa percepção não se diferencia muito do que é apresentado na obra Paidéia, na qual se discute a formação do homem grego: “A cultura antiga, que a religião cristã assimilou e à qual se uniu para entrar; fundida com ela, na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico.” (JAEGER, 1986, p.581). Na Idade Média, o platonismo foi uma grande influência para o cristianismo, no qual se levou em consideração, que punir o corpo era uma forma de exercitar e priorizar a alma, podendo estar mais próximo de Deus. Um modo de manter e repassar essa ideologia na sociedade se deu através da educação cristã, o autor Jaeger (1986), afirma que em seu desenvolvimento a educação cristã teve como ponto de partida o neoplatonismo reforçado por Santo Agostinho:

Como, porém, as ramificações platônicas da escolástica medieval tinham partido do neoplatonismo cristão de Santo Agostinho e das obras do teólogo místico conhecido sob o pseudônimo de Dionísio Areopagita, a compreensão do Platão redescoberto no Renascimento continuou provisoriamente vinculada à viva tradição escolar cristã e neoplatônica, transplantada de Constantinopla para a Itália juntamente com os manuscritos do filósofo grego, pela época da conquista aquela capital pelos Turcos (JAEGER, 1986, p.582).

Le Goff e Troung (2006) diz que a disciplina histórica por muito tempo ignorou o corpo como uma definição cultural, e valorizou mais seus aspectos naturais. Isso nos leva a percepção da existência de uma dualidade, onde se é dividido corpo e alma, passa também a aderir novas divisões da totalidade do corpo. Podemos analisar em diversas épocas e localidades (principalmente no ocidente) a presença do platonismo diante do cristianismo ao abordar a definição de corpo e o modo de vive-lo. A chegada dos portugueses ao Brasil é um exemplo no qual podemos utilizar por ter sido um choque evidente entre duas culturas, e para verificarmos isto, fomos de encontro a carta de Pero Vaz de Caminha, um escrivão português que deixou não apenas o seu relato, mas também suas impressões e sentimentos por escrito para o Rei Dom Manuel em 1500. Foi possível identificar através das palavras deixadas, o olhar que o português teve sobre a cultura corporal indígena brasileira:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metido neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2015).

Os corpos nus e marcados pela cultura corporal indígena brasileira eram vistos pelo português (senão por todos os cristãos) como corpos que necessitavam de se cobrir e possuir a vergonha de estarem expostos e marcados. Portanto, isto nos leva a compreender o motivo da educação cristã ser vista pelos portugueses como “necessária” de ser aplicada para os povos indígenas. Saviani (2007), que traz grandes contribuições para compreendermos a chegada da educação cristã ao Brasil, entende que a educação e catequese implementadas no País tinham um caráter pedagógico, no qual seu objetivo era a aculturação e instalação de uma dominação cultural aos povos indígenas aqui encontrados. Portanto, isto reforça mais uma vez no Brasil (senão em todo o ocidente) o olhar platônico para o corpo, além disso, se perdura também em nossa cultura o que Dagognet (2012) chamará de “expresso velado”, o corpo que como centro

de tudo, e ao mesmo tempo excluído em suas partes, banido de sentir e de se expressar, um corpo moldado e velado por sua cultura, e por ele mesmo.

Visando que o corpo pensado por Platão se inicia de um raciocínio em que o orgânico, o sentir e o prazer tornam o Ser inútil, podendo prejudicar a si mesmo e a sua alma. Logo, se percebe que o corpo deve ser moldado através da alma, ambos devem ser exercitados para que o corpo não prejudique o inteligível e o raciocinável, para assim, servir. A partir das considerações que Dagognet (2012) nos traz de Marcel Mauss, percebemos, então, a presença do “corpo como instrumento do homem”, o corpo que serve não apenas para si, mas também para a sociedade, o corpo moldado pela e para a sociedade. Para que possamos compreender melhor a ideia do corpo como instrumento do homem, devemos relembrar das técnicas corporais, nas quais são vistas por Le Goff e Troung (2006) como: “modos de usar os corpos” de acordo com a sociedade, o local, a data e cultura. O modo de andar, correr, dançar, falar e comer são técnicas que mudaram ao decorrer dos anos e gerações devido ao clima, o local e as necessidades do corpo em cada época. A partir disso o corpo se torna um instrumento para o homem, tendo, portanto, que ser útil não apenas para si mesmo, mas também para o outro. De acordo com os autores (LE GOFF e TROUNG, 2006), as técnicas do corpo se tornam um caminho essencial para se estudar o “homem total”, pois, estão presentes ao decorrer da história humana se modificando com um único objetivo: o ser útil à sociedade.

O ser útil se encontra em seu aspecto mais dualista, talvez isso o torna desumano em determinadas situações, e buscando apresentar o que muitos autores e pesquisadores abandonaram, Dagognet (2012) traz a ideia de um corpo biofilosófico, no qual seus aspectos biológicos determinam e são determinados por uma filosofia. Na obra “Metáforas do Corpo”, na qual é produzida por um coletivo de autores (com a participação de Dagognet), Salomon (2004) cita que Nietzsche compreende que a consciência é apenas reflexo do corpo, tudo que é orgânico faz parte do pensar e do sentir, pensamos o corpo e com o corpo, filosofia é vivida pelo próprio corpo do filósofo. E para compreendermos melhor o corpo biofilosófico, podemos citar Williams (2018), que trará em sua obra “Anatomias” o corpo determinado tanto pela medicina e quanto pela cultura.

Williams (2018) aponta que para se compreender o que é corpo humano em sua totalidade é necessário rever todo o início dessa descoberta, começando por alguns filósofos e médicos, nos quais dissecavam corpos, trazendo avanços para o estudo do corpo através do que viam nos cadáveres, as imagens que representavam a particularidade daquele ser. Com isso é possível estudar o eu, a história e filosofia do ser através de cada parte de seu corpo, pois, “As partes do corpo fornecem grande quantidade de novas imagens e metáforas.” (WILLIAMS,

2018, p. 72). Porém, o autor afirma que o estudo das partes se fez necessário para compreendermos as particularidades, mas não significa que o corpo humano se reduz as partes, pois, ele é o todo, e as partes separadas deixam de funcionar, com isso não devemos valorizar apenas um aspecto. E isso é nítido em sua obra, pois, o autor se aprofunda não somente nos aspectos biológicos ao falar dos órgãos e membros humanos, mas também o que cada parte do corpo influência em seu todo, ou seja, para o seu funcionamento como Ser Humano, no qual possui necessidades biológicas e culturais.

De acordo com Williams (2018), a busca pelo não envelhecimento e pela eterna vida é ir contra a *filosofia da biologia*. Isso nos mostra o quanto a sociedade não compreende o corpo como biofilosófico, Dagognet (2012) aponta que atualmente os corpos são ensinados através de sua cultura a trabalhar para o seu próprio “esmagamento”. Talvez aqui pudéssemos colocar que os corpos são ensinados, não só na educação, mas também nas relações familiares e sociais, a serem “evoluídos” e “modernos”, onde o corpo jovem, higienista e sem deficiências é valorizado, e o corpo que envelhece, demonstram seus fatores naturais e deficiências, é visto de forma desvalorizada, que posteriormente poderá vir a ser valorizado aos usos dos metacorpos (remédios, produtos estéticos, próteses, enxertos etc.), logo, estará valorizando os metacorpos ou os corpos? O corpo é exaltado por um lado, e reprimido por outro, afinal, para nos tornarmos útil para uma sociedade capitalista, precisamos nos desprendermos do corpo que somos, ou mesmo excluir seus fatores que o faz corpo.

“Achamos que gostamos da ideia de sermos capazes de tudo, mas na realidade preferimos não testar nossa capacidade de suportar a dor ou sequer fazemos muito uso de nossos sentidos do olfato e do tato, por exemplo.” (WILLIAMS, 2018, p. 23).

Baptista e Resende (2009) nos mostrará que ao considerarmos que vivemos em uma sociedade capitalista, podemos, portanto, identificar de que forma o corpo será útil em nossa sociedade. De acordo com os autores, “a indústria cultural é fundamental por ser ela um mediador essencial na relação entre a produção e a reprodução da sociedade.” (BAPTISTA E RESENDE, p. 12, 2009), sendo assim, o corpo se torna o instrumento principal para manter o modo de produção capitalista, logo o olhar para si e para o outro se transformará, e passará a ser visto como mercadoria, objeto a ser vendido.

Primeiro, trabalhando ao máximo. Segundo, consumindo inclusive o modelo de corpo na produção e no tempo livre, pois, consumir o modelo de corpo significa investir nele, em sua “saúde”, em sua capacidade produtiva e em sua “beleza”, para que ele tenha a condição de ser sempre desejado (BAPTISTA E RESENDE, 2009, p. 17).

Não devemos desconsiderar o fato de que em um corpo vivo temos a presença de um ser, que pensa, sente e expressa a partir de suas vivências, com isso, quando o corpo passa a ser visto como objeto, ele poderá também se tornar descartável ao momento em que expressa seus primeiros traços de vida, logo, será substituído por um novo corpo (os metacorpos) dentro do modelo desejado. Dagognet (2012), dirá que ao vermos a necessidade de um corpo útil, percebemos, portanto, a necessidade de velar parte do nosso corpo, porém isto traz a possibilidade de substituir a parte velada pelos “metacorpos”. Logo, o corpo será substituído pelo que lhe torna útil em nossa sociedade:

Por outro lado, a farmacologia oferece vários tratamentos, quer para emagrecer, quer para intensificar nossos desempenhos. Consegue reduzir o crescimento (da cintura) ou, ao contrário, aumentá-lo. Regula a duração do nosso sono, adaptando-o às nossas necessidades, e intervém na maioria das funções. O mundo moderno chega ao ponto de participar de um mercado no qual os corpos são trocados ou vendidos. Se ninguém ignora ou contesta o respeito devido ao caráter intocável e pessoal do nosso corpo, não poderíamos impedir, por esses mesmos motivos, que ele fosse embelezado ou reavivado. A sociedade contemporânea protege o corpo, mas o explora-o, também (a partir dos espetáculos de esportes e sua profissionalização). Então, onde está a fronteira? (DAGOGNET, 2012, p. 6).

O autor Williams (2018) afirma que a tecnologia é como uma extensão do homem e que o transforma, o autor aponta que muitos adotam a ideia de transcender ou transformar o corpo, mas sem questionar o consumismo, onde a ideia de corpo se torna mercadoria, que pode ser escolhida, comprada, vendida ou substituída. Tudo isso é fruto de um desconforto e insatisfação existente com o próprio corpo, por isso a ciência mantém o foco em menores partes biológicas, é uma ideia de que o corpo é inconveniente, o que nos afasta de uma compreensão conjunta de corpo e mente, o sonho de escapar do corpo não é um sonho de estender a vida humana, e sim de negar a verdadeira natureza (WILLIAMS, 2018).

Os possíveis metacorpos aqui citados, são formas de excluir uma parte do corpo que sente, que envelhece, adoce, que perde boa parte de suas capacidades e que demonstram suas limitações, o que o torna total (o corpo biofilosófico). Porém, devemos ter cautela ao analisar o que realmente Dagognet (2012) busca criticar ao trazer a percepção da existência de metacorpos na sociedade, pois, o próprio autor apontará em sua obra o quanto os metacorpos parte primeiramente do desenvolvimento médico e científico, no qual podemos interpretar que consequentemente trouxe expectativas de vidas mais longas através dos estudos da farmacologia, psicologia, fisiologia, entre outros que influenciam os estudos que perduram sobre os benefícios do exercício físico para a prevenção de doenças, benefícios de tratamentos medicamentosos para doenças que levam a morte precoce, a qualidade de vida que pode

proporcionar as próteses para deficientes físicos por exemplo, as cirurgias, etc. Com isso, compreendemos que o autor propõe uma crítica sobre não apenas da existência de um metacorpo, mas também do modo como este é utilizado, o quanto ele realmente surge para favorecer o indivíduo e sua qualidade de vida e o quanto ele é apresentado como forma de excluir e apagar o corpo para a “fabricação” de um corpo útil e que, logo será até mesmo considerado descartável, desconsiderando a existência do próprio indivíduo. Partindo do ponto de vista que Dagognet (2012) busca criticar o uso dos metacorpos na sociedade, poderemos também posteriormente analisar como os metacorpos estão sendo utilizados na Educação Física.

2 O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir da obra de Soares (1994), podemos observar que a Educação Física surgirá em consequência de diversos fatores, o primeiro deles é a Revolução Industrial, na qual foi uma época marcada pela exploração do trabalhador, onde os operários passavam muito tempo sem se locomover, ou realizando movimentos repetitivos por um período de trabalho muito longo. Com isso, a autora coloca que a burguesia começou a ver o corpo humano como instrumento essencial para a produção capitalista, pois, os corpos adoeciam e a debilidade física surgia nos corpos dos operários, logo deixariam de ser úteis.

Com o desenvolvimento dos estudos do corpo biológico no meio científico, a medicina foi uma grande aliada para que a burguesia definisse o exercício físico como essencial na educação dos operários. A medicina chegou à conclusão de que por meio dos exercícios físicos, poderiam repassar valores morais, cívicos e higiênicos para a população, de forma a promover “saúde”, enquanto na verdade, de acordo com a autora, o objetivo central era produzir corpos úteis. Dessa forma, a Educação Física surge com o objetivo de adaptar os corpos ao mercado de trabalho, moldando-os através da saúde, disciplina, civismo e higienismo:

Dentro deste quadro político, social e económico é elaborada mais uma forma de intervenção na realidade social, a qual operará tanto no âmbito corporal dos indivíduos isoladamente, quanto no âmbito do “*corpo social*”, quando tornada hábito. Estamos nos referindo à Educação Física, que, já no século XIX, chega aos foros científicos com seu conteúdo médico-higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao “*corpo biológico*” (individual) para, a partir dele, moralizar a sociedade, além de “*melhorar e regenerar*” a raça. (SOARES, 1994, p. 32).

Além disso, se pensavam não apenas nos corpos dos operários, mas também dos militares do exército, com o objetivo de desenvolver mais pessoas capacitadas para os serviços das tropas. Daolio (1994) também afirma que a Educação Física está relacionada com a educação corporal, onde busca-se modelar atitudes e comportamentos, tornando o Ser Humano útil para a sociedade através de exercícios, explorando um “potencial natural do indivíduo”.

De acordo com Daolio (1994), a Educação Física brasileira foi totalmente influenciada por Forças Armadas e pela Medicina Higienista durante o século XIX, que posteriormente implicou em suas características pedagógicas e metodológicas do âmbito escolar no século XX, com isso, mudanças só começaram se apresentar em meados da década de 1980 quando o país passou por transformações políticas, levando a discussão de uma redefinição dos objetivos, métodos e conteúdos da Educação Física escolar. Com isso, podemos observar que:

“É dessa forma que a história da Educação Física no Brasil nos dá bases para entender como os professores atuais reproduzem, no seu cotidiano, ideais e valores passados, como a higiene e a eugenia do final do século XIX, ou o militarismo racionalista do Estado Novo, ou o modelo esportivo característico do recente governo militar. Porém, ao reproduzirem esses ideais passados, eles atualizam, na sua experiência presente, esses valores, atribuindo-lhes novos significados.” (DAOLIO, 1994, p. 91).

Ao preparar o corpo para um “bom cidadão”, há uma transformação do “corpo natural em corpo eficiente” (DAOLIO, 1994), isso nos remete a ideia de como a Educação Física faz uso dos corpos. De acordo com o autor, um corpo eficiente é aquele que adquire uma perfeição técnica em duplo sentido, ou seja, tanto em seu aspecto mecânico quanto social, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Talvez isso nos traga a explicação da existência de uma dualidade para a definição do que é corpo como objeto de pesquisa da Educação Física.

Indo além do como a Educação Física (EF) faz uso dos corpos, buscaremos entender o que é o corpo como seu objeto de pesquisa, e para isso selecionamos um artigo que possui e faz uso de grandes referências para nos trazer essa compreensão. De acordo com Zoboli et. al (2013), a EF se constitui de vários outros meios científicos, ou seja, ela não é uma ciência, mas existe a partir da “Ciência Mãe”, o que implica na necessidade de uma problemática teórica para que ela tenha uma base e a discuta como seu objeto de estudo, portanto, ela é pensada a partir da cultura corporal de movimento, que por sua vez nos permite trazer a seguinte noção de corpo:

Corpo que tem história, que tem uma estrutura biológica, psíquica; um corpo que exerce e sofre poder natural e político; é atravessado por implicações de cunho moral e ético, um corpo econômico e abrigado no interior de uma classe enquanto instrumento de sobrevivência; um corpo que se movimenta em meio a essa complexidade de multiplicidades, pois, sem movimento não há vida. (ZOBOLI et. al, 2013, p. 3).

A Educação Física tem como referência diversas áreas científicas, mas buscando um enfoque no corpo e movimento humano, o que afinal acaba por “revelar verdades invisíveis para as ciências mais gerais presas aos seus paradigmas habituais.” (BRACHT, 2007 apud ZOBOLI et. al, 2013, p. 3). Porém, esse fato leva os autores a estarem mais distantes da ideia do que é corpo para a Educação Física, pois, várias ciências permitem diversas definições diferentes. Logo, os autores classificam duas concepções de corpo mais utilizadas nas pesquisas da EF, nas quais são pontos de partidas para as variadas definições de corpo que trazem os pesquisadores da área. A primeira concepção é de *Korper*: o corpo objeto e mecânico, no qual

é pautado a partir de um cadáver que promove o estudo medicinal; e a segunda é *Leib*: o corpo vivente, que possui significados, sentidos, cultura, expressão etc. (ZOBOLI et. al, 2013).

Baseando na classificação realizada pelos autores, foi identificado nas pesquisas da área da Educação Física brasileira inúmeras definições de corpo, nas quais muitas destacaram o corpo a partir de uma visão de *Korper*, porém, houve um aumento nas pesquisas que abordam o corpo a partir de uma definição de *Leib*. O que permite os autores na compreensão da existência de um dualismo na definição de corpo como objeto de estudo da EF brasileira, que se dá através da dificuldade do diálogo epistemológico entre os pesquisadores ao decorrer da história, dando consequência também para uma “crise de definição identitária agora permeada sob os signos da licenciatura e do bacharelado.” (ZOBOLI et. al, 2013, p. 6). De acordo com os autores, esse dualismo permeia por duas vertentes que não se dialogam na área: fisiologia e filosofia:

Se tem fisiologia na grade curricular, então é bacharelado; se tem filosofia, então é licenciatura. E assim a Educação Física fica novamente presa a seu pragmatismo monodisciplinar e consegue mais uma vez retroceder. (ZOBOLI et. al, 2013, p. 6).

Os autores confessam que não é fácil se alcançar uma definição concreta de corpo, pois, essa é dada a partir de uma multiplicidade científica, mas não se reduz apenas a isso, sua definição se expande ainda mais, o corpo só pode ser compreendido por vários vieses, nos quais necessitam de serem dialogados entre si pela EF, buscando a interdisciplinaridade para além do *Korper* e *Leib* (ZOBOLI et. al, 2013).

Portanto, o dualismo existente na Educação Física e na definição de seu objeto de pesquisa, implica também no como os professores atuam na área, Barbosa (2005) dirá que os professores de EF carecem da consideração do corpo em sua totalidade, onde a EF se encontra em uma caverna platônica, pois, muitos professores tendem a ignorar as consequências que os estereótipos da educação física trouxeram para o ambiente escolar: “Infelizmente, é triste constatar que poucos são os profissionais de educação física que conseguem ter uma atitude crítica diante dessa disciplina, enquanto um campo específico de saber.” (BARBOSA, 2005, p. 49). Segundo o autor a Educação Física precisa se atentar para a “ditadura do corpo”, em nossa sociedade podemos encontrar no interior das escolas a existência dos preconceitos em relação ao corpo e, diante destas situações consideradas “comuns”, os professores deveriam se perguntar sobre a função social da Educação Física, refletindo se realmente os objetivos de trabalharem com as práticas corporais estão de fato atendendo as necessidades dos alunos.

Não se trata de dizer se o aluno é “gordo” ou “magro”, “forte” ou “fraco”, mas de contextualizar culturalmente esses padrões. A postura mais adequada do professor seria a de orientar o aluno sobre os problemas que podem advir da obesidade, ou do sedentarismo, mas também discutir sobre os “mitos” em torno da atividade física. E ainda tentar fazer com que cada aluno entenda a questão social do corpo e se sinta bem com o seu, cuidando deste e respeitando seus limites. (BARBOSA, 2005, p. 133).

A partir disso, o autor se questiona: “a Educação Física cuida do corpo?”. Com isso, nos questionamos: o que é o cuidar do corpo? Seria cuidar do que é *korper* e *leib*? Seria cuidar de seus aspectos orgânicos e inorgânicos? Aumentar suas potencialidades estaria cuidando ou excluindo? A qualidade de vida tem relação com o cuidar do corpo vivo? Enfim, algumas respostas podemos refletir a partir dos autores citados. E nos parece que ao falar do que é corpo para a Educação Física encontramos a persistência de um dualismo e suas consequências para a área e sua atuação sob os corpos vivos, logo, a carência do corpo em sua totalidade, ou como poderia nos trazer Dagognet (2012), o corpo biofilosófico.

3 DAGOGNET NA EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se baseia, em sua maioria, em informações encontradas em produções bibliográficas disponíveis, principalmente as reconhecidas pela comunidade científica. Através disso o autor realiza sua pesquisa de acordo com o seu tema e objetivo, buscando encontrar informações por meio dos debates que trazem as fontes, ou seja, esse tipo de pesquisa nos possibilita basear os resultados da pesquisa a partir da análise e verificação de dados coletados em artigos, livros, trabalhos acadêmicos, entre outros.

Realizamos, portanto, uma coleta de dados a partir de um levantamento bibliográfico que entra em contato com pesquisas já produzidas, nos levando, por fim, a construção de uma análise de dados a partir de uma abordagem quanti-qualitativa (FLICK, 2013), que nos permitiu verificar e analisar a presença de Dagognet como referência nos periódicos da Educação Física e o modo como sua concepção corporal (os metacorpos) pode aparecer nos dados. Em seguida trazemos uma discussão acerca do tema e da pesquisa realizada, compreendendo por meio de referenciais teóricos os debates que aparecem, onde podemos identificar se os objetivos propostos na pesquisa foram atingidos e quais as dificuldades e possibilidades encontradas.

3.1 COLETA DE DADOS

Para selecionarmos os periódicos da Educação Física brasileira acessamos o sistema WebQualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da Plataforma Sucupira¹ (acesso em 5 jan. 2023), onde utilizamos a classificação do Quadrênio 2017-2020. Em busca de uma ampliação, não delimitamos as classificações de estratos, ou seja, selecionamos revistas que havia disponíveis a acesso eletrônico nos estratos: B1, B2, B3 e B4, observando que não havia periódicos da Educação Física brasileira com acesso eletrônico nas outras classificações de estratos (A1, A2, A3, A4, B5 e C).

A partir disso, observamos uma grande quantidade de artigos nas revistas, logo delimitamos artigos publicados no período entre 2017 e 2022, e apenas textos que continham as palavras “corpo”, “corporal”, “corporalidade” e “corporeidade” no título, pois, observamos

1

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

que não seria viável para a pesquisa irmos direto para Dagognet, no qual não é um autor da Educação Física especificamente. Em seguida, após a seleção dos artigos nos quais trazem temas sobre o corpo em diversos meios científicos (de origem biológica e filosófica) vinculados a Educação Física, realizamos, portanto, a análise apenas dos artigos que continham as palavras “Dagognet” ou “metacorpos” podendo se encontrar em qualquer parte do texto.

Apresentamos na tabela 01 as Revistas que foram identificadas e possíveis de serem acessadas eletronicamente, a sua classificação de estrato, seu link de acesso, o número de textos selecionados e, número de textos analisados em cada periódico da Educação Física brasileira.

Tabela 01: Periódicos Brasileiros de Educação Física identificados pelo estrato na Plataforma Sucupira (2017-2020) e o número de textos selecionados (2017-2022) e analisados em cada um deles

| ISSN | Título | Estrato Qualis | Link da Revista | Nº de Textos Selecionados | Nº de Textos Analisados |
|------------------|--|---------------------------|---|--------------------------------------|------------------------------------|
| 1646-107X | Motricidade (Santa Maria da Feira) | B-1 | https://revistas.rcaap.pt/motricidade | 3 | - |
| 2594-6463 | Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana | B-1 | https://motricidades.org/journal/index.php/journal | 10 | - |
| 1980-6574 | Motriz: Revista de Educação Física (Online) | B-1 | https://www.scielo.br/j/motriz/ | - | - |
| 1982-8918 | Movimento (UFRGS. Online) | B-1 | https://seer.ufrgs.br/Movimento | 29 | 1 |
| 2179-3255 | Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Online) | B-1 | http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE | 1 | - |
| 2359-2974 | Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada | B-1 | https://revistas.maria.unesp.br/index.php/sobama | 3 | - |
| 2525-5916 | Temas em Educação Física Escolar | B-1 | https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar | 10 | - |
| 2238-2259 | ACTA Brasileira do Movimento Humano | B-2 | http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/index | 10 | - |
| 2317-7136 | Arquivos de Ciências do Esporte | B-2 | https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces | 7 | - |

| | | | | | |
|------------------|--|-----|---|----|---|
| 1981-4313 | Coleção Pesquisa em Educação Física | B-2 | https://fontouraeditora.com.br/periodico/ | 19 | - |
| 0103-4111 | Motrivivência (UFSC) | B-2 | https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia | 26 | - |
| 1415-4676 | Pensar a Prática (UFG. Impresso) | B-2 | https://revistas.ufg.br/index.php/feff | 21 | - |
| 1982-8985 | Recorde: Revista de História do Esporte | B-2 | https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde | 2 | - |
| 1413-3482 | Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde | B-2 | https://www.rbafs.org.br/RBAFS | 4 | - |
| 0103-1716 | Revista Brasileira de Ciência e Movimento | B-2 | https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM | 17 | - |
| 1981-4690 | Revista Brasileira de Educação Física e Esporte | B-2 | https://www.revistas.usp.br/rbefe | 7 | - |
| 2675-1372 | Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício (Online) | B-2 | https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/revistafisiologia/index | 15 | - |
| 1983-7194 | Revista Brasileira de Futebol | B-2 | https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol | 2 | - |
| 1981-9900 | Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício | B-2 | rbpfex.com.br/index.php/rbpfex | 61 | - |
| 1983-3083 | Revista da Educação Física (UEM. Online) | B-2 | https://www.scielo.br/j/refuem/ | - | - |
| 2526-1541 | Revista Perspectiva: Ciência e Saúde | B-2 | http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/index | 1 | - |
| 1809-9556 | Arquivos em Movimento | B-3 | https://revistas.ufrj.br/index.php/am | 7 | - |
| 2318-5090 | Caderno de Educação Física e Esporte | B-3 | https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica | 13 | - |
| 1983-6643 | Educação Física Em Revista (Brasília) | B-3 | https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr | 5 | - |
| 1984-4298 | Movimenta | B-3 | https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta | 6 | - |
| 1677-8510 | Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício | B-3 | https://portalatlanticaeditora.com.br/ind | 16 | - |

| | | | | | |
|------------------|--|-----|---|---|---|
| | | | ex.php/revistafisiologia/index | | |
| 2674-8681 | Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada | B-3 | https://revistas.maria.unesp.br/index.php/sobama | 3 | - |
| 2447-8946 | Revista de Educação Física | B-3 | https://www.revista.deeducacaofisica.com/current | 9 | - |
| 2317-1790 | Revista Saúde Física & Mental | B-3 | https://revista.uniabru.edu.br/index.php/SFM | 2 | - |
| 2595-0096 | Arquivos Brasileiros de Educação Física | B-4 | https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/abeducacaofisica/index | 1 | - |
| 2183-511X | Desporto e Atividade Física Para Todos | B-4 | https://fpdd.org/conhecer-mais-para-incluir-melhor/ | 1 | - |
| 2238-1546 | Do Corpo: Ciências e Artes | B-4 | http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/docorpo/index | 1 | - |
| 2317-7357 | Praxia - Revista Online de Educação Física da UEG | B-4 | https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/index | 4 | - |

Fonte: Elaboração Própria

A partir dos dados apresentados, podemos identificar 33 periódicos da Educação Física brasileira com acesso eletrônico, sendo sete na classificação de Estrato Qualis B1; quatorze em B2; oito em B3; quatro em B4. Considerando o período de publicação dos artigos entre 2017 e 2022, em duas revistas não foram encontrados textos com as 4 palavras de critério para a seleção, sendo elas: Revista da Educação Física (UEM. Online) e Motriz: Revista de Educação Física (Online). No entanto, nas outras revistas foram encontrados e selecionados o total de 316 textos contendo a palavra “corpo”, “corporal”, “corporalidade” ou “corporeidade” no título. E dos textos encontrados e selecionados, ao realizarmos uma busca dentro de cada texto pelas palavras “Dagognet” e “metacorpo”, foi selecionado apenas um texto para a análise, no qual encontramos a palavra “Dagognet” apenas no corpo do texto de um artigo da revista Movimento (UFRGS. Online), publicado no ano de 2018. Pois, nos demais 315 textos, não encontramos as palavras de critério para a análise.

3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os dados coletados, encontramos apenas um texto no qual atendia todos os critérios: da seleção da revista, da seleção do artigo e da análise. Logo, analisamos o artigo intitulado: “*corpo, educação física e esporte: estudos franceses e brasileiros no período de 1970-1990.*”, publicado em jan./mar. de 2018 pela revista *Movimento (UFRGS. Online)* no volume 24 e número 1, no Município de Porto Alegre pelos autores: Terezinha Petrucia da Nóbrega (Formada em Educação Física (1989) e Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995)) e Bernard Andrieu (historiador e filósofo francês do corpo).

Ao analisarmos o texto selecionado, podemos identificar a palavra “corpo” em seu título e a palavra “Dagognet” no corpo do texto. O artigo traz uma análise documental a partir de teses, correspondências e entrevistas buscando a reflexão dos estudos Brasileiros e Franceses sobre a história e filosofia do corpo no período de 1970 a 1990. Nóbrega e Andrieu (2018) compreende que a relação entre a história e filosofia do corpo é uma “expressão epistemológica” na Educação Física (EF), com isso selecionaram autores pioneiros da área de EF, Filosofia e História para a realização da pesquisa. Portanto, os autores destacam entre os pioneiros dos estudos do corpo na França: André Rauch, Georges Vigarello e Michel Bernard; e no Brasil: Silvino Santin e Carmen Soares. Nóbrega e Andrieu (2018) apontam que os autores brasileiros selecionados como pioneiros são influenciados pelos autores franceses selecionados, e ambos trazem um olhar transversal do corpo como objeto de pesquisa, no qual o compreendem como histórico, social, individual, coletivo e capaz de se transformar pelos aspectos culturais, de normatização e resistência. Além disso, destacam a existência de uma filosofia do corpo que ultrapassa o cartesianismo e une-se a história para a compreensão do vivido e domínio do corpo. Por fim, concluem a necessidade de aprofundamentos no debate para a contribuição na epistemologia da área.

O artigo nos traz uma percepção de corpo que não se distancia tanto do que aponta Dagognet (2012), isso se dá pelo fato de que os autores franceses destacados no artigo realizam a mesma abordagem de François Dagognet (além do cartesianismo), partindo de referências semelhantes, além disso, os autores destacam que Georges Vigarello é um dos autores selecionados como pioneiro, que mais tem contribuído para um olhar da filosofia e da história do corpo, e um dos mais traduzidos para a língua portuguesa (em suas produções). Nessa perspectiva a aproximação com as percepções de Dagognet (2012) é compreensível tendo em vista que Vigarello teve como parte da banca examinadora de sua Tese a presença de François Dagognet, que inclusive, é o único momento do texto no qual os autores digitam a palavra “Dagognet”:

No tocante à história do corpo, destacam-se os trabalhos de Georges Vigarello. Após sua agregação em Filosofia, em 1977, ele defende uma tese sob a direção de Georges Snyders (1917-2011), intitulada *Le corps redressé, culture et pédagogie*. Ele obteve a menção honrosa da banca examinadora composta por Georges Snyders, Isambert Jamati, Michel Bernard, Georges Canguilhem, François Dagognet e Jacques Ulmann. Com essa tese ele opera um deslocamento da Filosofia, como André Rauch, no coração mesmo de uma história periodizada do corpo, à maneira de Michel Foucault. (NÓBREGA e ANDRIEU, 2018, p. 309).

Tendo em vista a relação de François Dagognet e suas concepções com o artigo, podemos perceber que os autores trazem uma abordagem do corpo próxima ao que buscamos e fazem uma relação necessária com a Educação Física, porém, não utiliza François Dagognet ou a ideia de metacorpos como referencial teórico. Portanto, a partir dessa análise do artigo percebemos a ausência de François Dagognet e os metacorpos como referência para os textos e artigos da Educação Física brasileira publicados nos anos de 2017 a 2022 nos periódicos selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a trajetória de François Dagognet identificamos que o filósofo tem como referência filósofos e autores bastante importantes para os estudos epistemológicos, nos chamando atenção para a problemática da Educação Física: definição de corpo e sua dualidade persistente na história, no cotidiano e principalmente nas pesquisas científicas. A Educação Física teve seu início com objetivos bastantes voltados para a exclusão do corpo, porém, atualmente temos referências de obras que podem ampliar nosso conhecimento e questionamento diante do que temos vivido dentro da realidade da área, as dificuldades de compreender a dimensão da EF e seu objeto de estudo.

Considerando Dagognet (2012), percebemos que o corpo vive entre moldes culturais, e que de forma exagerada pode excluir a si próprio, se confundindo com metacorpos ou mesmo mercadoria. Assim, foi possível trazer alguns questionamentos essenciais para a EF, como: a Educação Física exclui o corpo? A Educação Física valoriza o corpo ou os metacorpos? Qual o dever da educação física com os corpos dos alunos? O cuidado com o corpo se refere ao cuidar do que envelhece, adocece, enfraquece, não de forma a reprimi-lo e transformá-lo em metacorpos, mas de forma a aceitá-los como processos naturais do qual o corpo faz parte. É certo que alguns processos são evitados objetivando a favorecer o bem-estar do ser humano, mas até que ponto os metacorpos tem esse objetivo de promover a saúde e o bem-estar? Dagognet (2012), dirá que os metacorpos aparecem justamente por esse interesse exacerbado da exclusão do corpo, desde a Antiguidade, além disso o autor afirmará que estamos em uma etapa, na qual não sabemos lidar, nem mesmo, com nossos sentimentos.

A não percepção da existência de um corpo biofilosófico implica, portanto, a persistência nos metacorpos como forma de mercadorização dos corpos, além de nos trazer um desconhecimento sobre nós mesmos, onde já nos vemos parte da tecnologia, ao ponto de termos sensações imaginárias com os metacorpos, como traz Dagognet (2012). Logo, isso nos distancia ainda mais da noção do corpo do outro. A definição de corpo se dá através do que aparece (a imagem) não é apenas um aspecto inorgânico, mas sim um conjunto sem divisões, onde o vivido se encontra no que se vê e sente (com os 5 sentidos), o corpo filosófico se encontra no biológico e o biológico se encontra no filosófico, até que deixem de ser duas perspectivas, e sim apenas uma, o vivo.

Portanto, para se buscar uma compreensão da concepção de corpo e do que a Educação Física brasileira está lidando, tanto em seu problema epistemológico, como com seu objeto de estudo, o diálogo com Dagognet (2012) se torna necessário, porém, foi possível identificar sua

ausência na Educação Física brasileira no período de 2017 a 2022. Mas podemos observar que autores como Williams (2018) também nos permite algumas reflexões e olhares para a compreensão de um corpo biofilosófico, ou seja, Dagognet (2012) não é visto como a única referência possível de se abordar para refletirmos as perspectivas apontadas, mas é uma das possibilidades e autores que se destaca devido ao seu percurso e forma de abordagem. Sendo assim, o filósofo nos traz contribuições valiosas para o entendimento da área.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia: a relação necessária**. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2005.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. O corpo: determinações sociais para as suas transformações biológicas. **Revista Panorâmica**. V.27. pag. 9-24, Jan-Jun, 2019.
- BAPTISTA, Tadeu J. R.; RESENDE, Anita C. A. Educação do corpo: produção e reprodução. **Revista Inter Ação**, 34(2). 465-484, 2009.
- BENTO, Elói Alberto. **Gaston Bachelard: o lado nocturno do filósofo: estudo sobre a imaginação material e o devaneio poético**. Mestrado em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. Porto, 2010.
- BRITTO, Marly Bulcão Lassance. **O gozo do conhecimento e da imaginação: François Dagognet diante da ciência e da arte contemporânea**. MAUAD, 1ª ed. Rio de Janeiro, 2010.
- COSTA, Abraão Lincoln. considerações nietzschianas sobre o corpo: uma perspectiva filosófica para além da metafísica e do fisicalismo. **Pólemos**. vol.3, n. 5. Brasília, jan-jul 2014.
- DAGOGNET, François. **O Corpo**. Rio de Janeiro: Forense, 1º ed. 2012.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1994.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. Ed. Atlas. São Paulo, 2002.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Ed. Liana Levi. Rio de Janeiro, 2006.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. A Carta de Pero Vaz de Caminha. **Fundação Biblioteca Nacional**. Departamento Nacional do Livro, 2015.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; ANDRIEU, Bernard. Corpo, educação física e esporte: estudos franceses e brasileiros no período de 1970-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 305-318, jan./mar. de 2018.
- PINTO, Sergio Murillo Lima da Silva. **Freud: da teoria psicanalítica à prática educacional**. Dissertação: Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Psicologia da Educação, 1987.
- SALOMON, Christian. **Les métaphores du corps: Introduction: Le corps, as représentation, ses métaphores**. L'Harmattan, p. 15-22. 2004.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 5ª ed., Autores Associados. Campinas, SP, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 4ª ed. Autores Associados. Campinas, SP, 1994.

WILLIAMS, Hugh Aldersey. **Anatomias: uma história cultural do corpo humano**. Ed. Record, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2018.

ZOBOLI, F. *et al.* O corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física: Breves apontamentos. **Scientia Plena**. Vol. 9, nº 7, 2013.